

PARA ALÉM DA COLONIALIDADE ORALISTA/AUDISTA: SEXUALIDADE, CIS-HETERONORMAS E RELAÇÕES DE PODER ENTRE PESSOAS SURDAS LGBTI+ E A COMUNIDADE SURDA

JOSÉ FRANCISCO DURAN VIEIRA¹; MADALENA KLEIN²

¹*Universidade Federal de Pelotas – UFPel – jf.duran1963@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – kleinmada@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da minha pesquisa de doutorado, que se encontra em andamento no PPGEdu da UFPel, e que, certamente, terá outros tantos avanços no decorrer do estudo. Os Surdos LGBTI+ trazem outras “posições-de-sujeitos” que escapam às fronteiras demarcadas pela própria Comunidade Surda e impõem outros indicadores de posições de pessoas, questionando as marcas incutidas por uma cultura ouvintista cis-heteroxessista-patriarcal-racista-capitalista-capacitista, desestabilizando a ordem e as relações de poder. Desta forma, as pessoas surdas LGBTI+ são percebidas como estranhas dentro da própria comunidade, assim como também são percebidos como corpos estranhos dentro da Comunidade LGBTI+, cristalizando-se como corpos inimigos entre as diferenças. O que nos leva a perceber que tanto os Estudos Surdos quanto os Estudos da Diversidade Sexual e de Gênero, necessitam expandir sua reflexão em direção a outras corporalidades, sustentadas através de epistemes fluídas, porosas, que produzem e emanem outros trânsitos de saberes científicos, cuja corrosividade rompa os alambrados da própria Teoria Queer e desestabilize seu possível enrijecimento, revelando-se mais audaz, mais aleijada. É isso o que propõe a Teoria Queer/Crip (McRUER, 2006), uma ressignificação para outras representações inquietas, que estranham ainda mais aos estranhos. O governamento socialitário em que vivemos não apenas naturaliza como também generifica os corpos em um comodato binário imposto e de trânsito unilateral cissexual – um pensamento heterossexual (WITTIG, 2016) –. Entretanto, essa concessão se intensifica no momento em que esse fluxo é outorgado somente aos corpos-cis-brancos-capacitados. Pensar em “corpos-mentes”, na intersecção entre deficiência, gênero e sexo, configura-se um obstáculo, uma vez que está naturalizado dentro do sistema hegemônico, o qual eleva-se potencialmente quando escapa a esse regimento. A pessoa Surda LGBTI+ metamorfoseia-se em seu próprio corpo “basura” (PRECIADO, 2013), sendo aprisionadas na arapuca estratégica da colonialidade do poder/saber/ser (QUIJANO, 2010, p. 123), na qual sua cultura, sua identidade, sua língua, suas corporificações e, suas libidos são desestabilizadas e neutralizadas. A colonialidade do “ouvintismo” (SKLAR, 1998, p. 15) cissexualizou suas subjetividades e impossibilitou o empoderamento do discurso de suas mãos, evidenciando que a deficiência, também, é perpassada por questões políticas e decoloniais.

A presente pesquisa propõe fomentar essa discussão e estabelecer contrapontos, estritamente, voltados aos Estudos Surdos, aos *Disability Studies*, à Teoria Queer/Crip e aos Estudos Decoloniais, visto a importante guinada que os Estudos Queer, juntamente, com as teorias transfeministas agregadas aos movimentos de lutas das intelectuais negras têm contribuído à crítica ao Cistema opressor, capitalista, colonialista e, patriarcal, assim com à reflexão acerca de questões de gênero e, sexualidade e, inclusive, a discussão da estrutura social capacitista e compulsória de dominação. Diante dessas provocações, o questionamento incentivador do projeto de

tese diz respeito a: como a Comunidade Surda da cidade de Pelotas/RS e as pessoas Surdas LGBTI+ se interseccionam enquanto diferenças diante do colonialismo cisheteronormativo, em que estão inseridas e atravessadas historicamente por lutas e reivindicações no reconhecimento de suas alteridades oprimidas e normatizadas pela perspectiva hegemônica cisheteropatriarcal/ouvintista?, tendo a pesquisa como objetivos: Geral: - analisar como as pessoas Surdas LGBTI+ e suas representações transitam na Comunidade Surda e como se articulam as interseccionalidades no âmbito da hegemonia cisheteronormativa patriarcal ouvintista nessa relação; e Específicos: - entender que estratégias e representações são estabelecidas através do fluxo de corpos surdos divergentes à norma hegemônica cisheteronormativa no interior da própria diferença que a Comunidade Surda já representa; - compreender de que forma a interseccionalidade se manifesta na relação hegemônica cisheteronormativa patriarcal ouvintista entre pessoas Surdas LGBTI+ e a Comunidade Surda; - problematizar os conflitos gerados entre colonizado e colonizador em uma mesma comunidade subalternada. No intuito de iniciar uma provocação reflexiva sobre os domínios do colonialismo e do pensamento hétero na comunidade, proponho situar minha discussão pautada em uma relação de forças permeada por diferenças culturais, linguísticas, identitárias, raciais, entre outras, que se interseccionam em uma relação estrutural social, racista, capitalista, capacitista, caracterizada nesta pesquisa como “cisheteropatriarcal/ouvintista”.

2. METODOLOGIA

Como pesquisador recorro a embrenhar-me por outras convicções epistemológicas, ou melhor, por outras artesarias de produzir conhecimentos científicos e metodológicos que, em grande parte, são pensados e percebidos como domínio de produções e saberes norte/eurocêntricos, porém, necessários para tensionar e desafiar as complexas reflexões e atitudes comportamentais “descolonizadoras/despatriarcalizadoras” (ACOSTA, 2016), as quais deslocam e descentralizam outras possíveis formas de pensar e produzir conhecimento. Para tanto, pretendo conduzir esta pesquisa utilizando-me fundamentalmente dos métodos científicos e conceitos apresentados por Boaventura Santos (2019), mais precisamente, em suas pesquisas focadas nas Epistemologias do Sul. Todavia, não há nenhuma intenção como pesquisador, de realizar qualquer tipo de afastamento e, principalmente, de negação das produções científicas validadas por pesquisadores e pesquisadoras reconhecidas. Além disso, com a finalidade de entender as implicações do convívio e do trânsito dessas corporificações e de suas expressões de gênero e sexualidades, manifesto a intenção de me aproximar das teorias transfeministas, de modo a descrever as possíveis relações de interseccionalidade implícitas entre deficiência, corpo, gênero, homo/transexulaidade, questões raciais e, pessoas surdas, e oportunizar um diálogo crítico e paralelo com a Teoria Queer/Crip. O seminário “Sou Surdx, Sou LGBTI+ e agora?”, realizado em 2018 em Pelotas/RS, não somente foi um momento de discussão entre a Comunidade Surda sobre a temática, mas também, viabilizou que muitas pessoas dessa comunidade pudessem se posicionar quanto à sua identidade de gênero e/ou sexualidade divergente perante a comunidade. Portanto, pretende-se, inicialmente, entrevistar essas pessoas que participaram do evento. Se, porventura, ocorrer escusas por algumas dessas pessoas em participar da pesquisa, convidarei outras pessoas surdas próximas à comunidade, porém, tendo como critério a preocupação de observar se os participantes contemplam os objetivos propostos na pesquisa e com o cuidado para que não

ocorram repetições de singularidades, mas sim uma pluralidade dessas experiências. Tenho como propósito entrevistar, no mínimo, cinco pessoas, e não ultrapassar o número de oito entrevistados, limite que será melhor definido durante o andamento da própria pesquisa. É importante ressaltar que esses registros e entrevistas serão filmados, devido à especificidade visual da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, sendo solicitada respectiva permissão para sua realização, explicando que serão, exclusivamente, utilizadas para o propósito da pesquisa com pleno conhecimento e anuência dos entrevistados. Ressalta-se que essas entrevistas não estarão orientadas numa relação pesquisador/pessoas/recursos de análises, mas por múltiplas atitudes de aproximação com finalidade de amenizar possíveis interferências. Pretende-se estruturar essas entrevistas utilizando-se da modalidade de entrevista com pauta, seguindo um roteiro elaborado com bases em vídeos retirados de *lives*, realizadas por essas mesmas pessoas surdas LGBTI+ participantes do seminário, durante o período de isolamento na pandemia do Coronavírus/Covid-19, como dispositivos instigadores para uma conversa informal sobre a temática. Estou ciente de que o que proponho nesta pesquisa não se tratar apenas de procedimentos metodológicos, mas de estar a par das implicações éticas, pois as pessoas participantes são protagonistas dessas histórias e protagonistas da língua em que elas se expressam, ou melhor, não serão convidadas quaisquer pessoas, mas surdos e surdas com experiências intralinguais e cônscios do código de ética. Nesse sentido, é importante destacar sobre o termo de consentimento livre e esclarecido na pesquisa com pessoas surdas. Por ser Tradutor/Intérprete e fluente na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, todas as entrevistas serão realizadas diretamente entre o pesquisador e a pessoa surda entrevistada, portanto, não necessitarei de uma pessoa profissional tradutora/intérprete. E a tradução/transcrição bilíngue – da Libras para a Língua Portuguesa – será também realizada por mim. Se houver algum tipo de dificuldade, convidarei uma pessoa surda exterior à pesquisa para garantir a máxima fidelidade na tradução da entrevista, pois como as entrevistas ocorrerão na modalidade intralingua, ou melhor, na Libras, muitos elementos e experiências visuais nos fogem no momento da tradução. Para tanto, não será escolhida qualquer pessoa, mas uma liderança dentro da Comunidade Surda e conhecedor do código de ética.

No entanto, esse será um momento de registro crucial, oportuno e tenso que irá captar toda a euforia dos sentido tanto do investigador quanto das pessoas entrevistadas. Sabe-se que “coletar, selecionar, traduzir e publicizar histórias pode apresentar diferentes possibilidades e caminhos metodológicos” (KARNOPP, 2017, p. 222). Na perspectiva das Epistemologias do Sul é de suma importância exercitar essas percepções. “O conhecimento não é possível sem experiência, e a experiência é inconcebível sem os sentidos e os sentimentos que acordam em nós. É através da experiência que nos abrimos ao mundo, uma ‘abertura’ que é concedida apenas pelos sentidos” (SANTOS, 2019, p. 237). Nesse sentido, enquanto pesquisador artesão e, principalmente, por conta dos vínculos concretos já construídos e vivenciados, tanto pessoais como profissionais, com a Comunidade Surda, exercitarei uma atitude de produções em uma rede de partilhas de saberes. Produções essas que têm o propósito de dar continuidade ao movimento de lutas e “existências” – de existir e existir – e, impreterivelmente, por outras possibilidades de “Bem Viver” (ACOSTA, 2016) e de se relacionar com a Natureza.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No atual estágio da pesquisa, percebo que a própria teoria *queer* anda perturbada. O invólucro nem sempre quebradiço dessa teoria vem tendo um efeito reverso, distanciando-se de seu lugar de origem, que deveria ser uma região pútrida, *sucia*, de corpos empoeirados, libertinos, rebeldes, um lugar cagado de agentes poluidores. Uma teoria *queer* que fosse capaz de ir além de um cishomonacionalismo, rompendo com as lições do racismo epistêmico euronortecêntrico que nos formou e ainda fascina a América Latina. Mas, sobretudo, por ainda não reconhecer-se como uma teoria que coabita o capacitismo. Falar sobre sexo, sexualidade e gênero já é bastante complexo para cisheterossexuais ouvintes, principalmente, no contexto familiar, seja por um adolescente ou pessoa adulta, imaginar essa situação em um contexto que envolve corpos deficientes e usuários de outra língua – no caso das pessoas surda, filhas de pai e mãe ouvintes, muitas vezes, não têm fluência em Libras –, torna-se, praticamente, um duplo empecilho na promoção preliminar ao diálogo. Um corpo duplamente borrado (sua língua e sua sexualidade e/ou identidade de gênero). É imprescindível que tome para si o que nunca deveria ter-lhe sido sequestrado: sua identidade, sua cultura, sua sexualidade e, sua libido.

4. CONCLUSÕES

O cis-tema-heteronormativo é muito mais complexo e opressor do que se possa imaginar. Principalmente, quando falamos em corpos com deficiência numa sociedade capitalista/patriarcal e, extremamente, capacitista. A colonialidade de poder/ser/saber a corpos com deficiências e que se expressam em outra língua ainda carece de muitos estudos e pesquisas. Impregnada pelo colonialismo ouvintista, a Comunidade Surda precisa aprofundar-se no questionamento das heranças sociais e preconceituosas que também a atingem. A Teoria *Queer/Crip* e o movimento do feminismo negro e do transfeminismo, atravessados pelos questionamentos do Giro Decolonial, não podem deixar essas discussões de fora.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, A. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** São Paulo: Elefante, 2016.
- KARNOPP, L. B. Aspectos éticos em pesquisas envolvendo surdos: protagonismo ou vulnerabilidade? In: SANTOS, L. H. S; KARNOPP, L. B. (Orgs.). **Ética e pesquisa em Educação: questões e proposições às Ciências Humanas e Sociais.** Porto Alegre: UFRGS, 2017.
- McRUER, R. **Crip Theory: cultural signs of queerness and disability.** New York: New York University Press, 2006.
- PRECIADO, P. B. **Basura y género. Mear/Cagar. Masculino/Feminino.** Parole de Queer. 2013. Acessado em 20 ago. 2020. Online. Disponível em: <https://paroledeqeuer.blogspot.com/2013/09/beatrizpreciado.html>.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- SKLIAR, C. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e as diferenças. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.
- WITTIG, M. **El pensamiento hererosexual y otros ensayos.** Madrid: Egales, 2016.